

Um novo sujeito para além de uma nova didática: o idoso no universo tecnológico

Mestranda Márcia Mendes Marquez de Oliveira, Dra. Mirza Seabra Toschi
UEG – Mestrado Interdisciplinar de Educação, Linguagens e Tecnologias
Bolsista Fundação de Amparo de Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG
marciamendes.polouab.uruacu@gmail.com
Orientadora – UEG/Anápolis
mirzas@brturbo.com.br

Resumo

A terceira idade representa uma grande parcela da população, tanto a nível nacional como mundial devido ao aumento da expectativa de vida do sujeito. Nesta perspectiva, busca-se compreender os caminhos que oportunizam ao idoso a sua interação e integração social mediados pelas tecnologias existentes. Partindo desse pressuposto, este artigo foi elaborado com o objetivo de compreender a condição do sujeito idoso na sociedade atual e as possibilidades de oferta de formação voltadas a esse público, cuja história de vida apresenta uma bagagem de conhecimentos e experiências acumuladas ao longo dos anos, mas que não assegura usufruir dos recursos e tecnologias existentes. As investigações foram realizadas para responder à seguinte questão: Quais as possibilidades de oferta de formação existentes no universo do idoso, que lhe permitem uma melhor integração e interação social? A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica baseada em estudos realizados por diversos autores como: Silva (2008), Barros (2000), Benetti, Fagundes e Zanella (2011), Borges (2013), Chauí (1990), Aghe (2000), Pimenta e Anastasiou (2010), Severino (1989), Lima (2000), Cachioni (2002), Libâneo (1990), dentre outros. Apesar de serem incipientes os estudos da didática voltados para o atendimento ao idoso, as investigações realizadas neste estudo denotam que é necessário um olhar ampliado referente ao uso da didática e suas metodologias, pois trata-se de um público com características específicas e necessidades de aprendizagem próprias. Deve-se considerar que a interdisciplinaridade torna-se necessária para a formação do idoso, uma vez que todas as áreas do conhecimento são trabalhadas de forma integrada potencializando o sujeito aprendente.

Palavras chave: Idoso. Tecnologias. Formação.

1. Introdução

A partir do século XX, as transformações demográficas se alteram pela grande representatividade de uma população cada vez mais envelhecida, em virtude das possibilidades de uma melhor qualidade de vida, consequência do desenvolvimento científico e técnico, assim como as mudanças econômicas.

Neste cenário, a presença do idoso traz representatividade em todos os segmentos sociais, o que nos remete a refletir sobre a condição do mesmo, visto que o olhar sobre esta etapa da vida tende a ser modificado, um novo paradigma surge com relação ao sujeito idoso.

O idoso, até então, considerado como improdutivo, inválido, marginalizado e excluído, emerge como um novo cidadão que participa ativamente na sociedade. Portanto, tem-se a necessidade de ter formação, apropriar-se das tecnologias existentes na condição de integrar e interagir no seu contexto social.

Sendo assim, este artigo foi elaborado com o objetivo de compreender a condição do sujeito idoso na sociedade atual e as possibilidades de oferta de formação voltada a esse público específico, cuja história de vida apresenta uma bagagem de conhecimentos e experiências acumuladas ao longo dos anos, mas que não assegura usufruir dos recursos e tecnologias existentes.

Neste sentido, busca-se responder à seguinte questão: Quais as possibilidades de oferta de formação existentes no universo do idoso, que lhe permitem uma melhor integração e interação social?

A metodologia utilizada para responder à problemática suscitada foi pesquisa bibliográfica baseada em estudos realizados na disciplina de Tópicos Especiais em Educação: Didática do Ensino Superior do curso de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias.

2. Revendo conceitos sobre o Idoso através dos tempos

A partir dos séculos XIX e XX, a velhice, passa a ser considerada uma nova etapa da vida, devido a uma série de mudanças que vem contribuindo para uma visão ampliada no universo do idoso, dentre as quais tem-se a contribuição da medicina e a institucionalização da aposentadoria.

Silva (2008) indica que o surgimento da velhice está vinculado ao processo de modernização das sociedades, sobretudo a modernização da medicina que utiliza o termo não somente para definir o envelhecimento físico, como também para exercer uma influência social relevante.

A noção de velhice se estabelece pelo uso indiscriminado de termos pejorativos ou conceitos determinados culturalmente em seus respectivos períodos históricos, conforme esclarecem Benetti, Fagundes e Zanella:

Historicamente, a noção de velho ou velhote estava fortemente vinculada à incapacidade para o trabalho, à decadência, e de certa forma simbolizava o sujeito velho e pobre, enquanto que idoso era um termo mais atribuído aos que viviam socialmente bem. Através da mudança da estrutura social, com a nova política social para a velhice, ocorrida no século XX, houve também um aumento de prestígio dos aposentados. Os indivíduos passaram a ter outra percepção do velho, bem como

termos pejorativos relativos a esta faixa etária foram eliminados dos textos oficiais. (2011, p. 216)

No decorrer da história da humanidade, percebe-se que a representatividade do velho atrela-se aos saberes e conhecimentos, sendo valorizada e reconhecida sua experiência de vida, que era reconduzida através dos tempos. Com o advento da industrialização, o velho recebe uma nova conotação, passando a ser visto como sujeito incapaz e improdutivo, visto que as condições mercadológicas passaram a valorizar o vigor físico, como também a técnica, tornando obsoleto o saber adquirido com a experiência de vida.

Nesse contexto de improdutividade, o velho é visto como idoso, institucionalizando a aposentadoria que reafirma a condição de velhice e invalidez, caracterizando esta etapa da vida como categoria política.

Corroborando com essa ideia, Silva (2008) esclarece que o sujeito aposentado não é somente inválido e incapaz; é acima de tudo um ser de direitos e privilégios sociais legítimos.

A aposentadoria, *a priori* surge por considerar a idade biológica ou o tempo de serviço, mas libera do trabalho indivíduos ainda ativos, com capacidade para produzir. Barros (2000) refere-se ao termo terceira idade como aquele que caracteriza mais dignamente os jovens aposentados, ativos e independentes, conferindo à prática de novas atividades, uma nova etapa da vida, situada entre a aposentadoria e a velhice.

Conforme estudos de Mendes; Gusmão; Faro e Leite (2005, p. 423), a Organização Mundial de Saúde – OMS tem a definição que estabelece ao idoso um limite de 65 anos ou mais de idade para os indivíduos de países desenvolvidos e 60 anos ou mais de idade para indivíduos de países subdesenvolvidos.

Assim, a projeção divulgada pelo pesquisador Borges (2013), corresponde ao apontamento, divulgado em agosto, de 2012 no Brasil deverão representar 26,7% da população (58,4 milhões de idosos para uma população de 218 milhões de pessoas), em 2060, numa proporção 3,6 vezes maior do que a atual. A relação que se faz entre a população de idosos tem referencia à redução da fecundidade.

Explica o pesquisador Gabriel Borges na revista UOL,

O envelhecimento da população acima dos 65 anos tem a ver com a diminuição da fecundidade. Você diminui o número de jovens e em consequência tem o aumento relativo dos idosos. Mesmo sem o avanço da expectativa de vida, os idosos aumentariam.

Conforme os dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), apontam que:

Expectativa de vida ao nascer - 2000/2060

2000	69,8 anos
2010	73,9 anos
2020	76,7 anos
2030	78,6 anos
2040	79,9 anos
2050	80,7 anos
2060	81,2 anos

Fonte: IBGE (2010)

No Brasil desde metade do século 20 houve uma queda na mortalidade com isso o envelhecimento da população também será afetado. Conforme análise dos dados a criança brasileira nascida em 2013 terá uma projeção de vida de 71,2 anos para homens e 74,8 para mulheres.

A partir de 2060 a expectativa e de 78 anos para homens e 84,4 anos para as mulheres, este acréscimo corresponde a um aumento de 6,8 anos para os homens e 5,9 para as mulheres.

Borges (2013) indica que em 2041 a esperança de vida atingirá 80 anos e que os outros países também já passaram por essas mudanças, contudo no Brasil apresenta um diferencial; estas mudanças serão mais rápidas em torno de 40 a 50 anos, o que pressupõe que um dos fatores que tenha aumentado a expectativa de vida é a tecnologia. Nesse cenário, a principal parcela da população a ser sustentada, anteriormente composta majoritariamente por crianças, deve passar a ser de idosos.

Explica ainda, a partir das análises dos censos, que em 2060,

[...] as mortes serão 62% superiores aos nascimentos, o que significa que, para cada 100 mortes no Brasil, apenas 62 pessoas irão nascer. O último ano em que os nascimentos vão superar as mortes será 2042. Já no ano seguinte, em 2043, as mortes superarão os partos em 2%, aumentando esse percentual gradualmente até 2060.

Com os dados do crescimento da população idosa, novas reflexões surgem e percebe-se, conforme dados da Previdência Social realizada em 2012, um déficit do regime de previdência em relação ao setor privado de aproximadamente R\$ 42 bilhões, sendo que o

mesmo beneficia 29 milhões de pessoas. E o universo do sistema previdenciário dos servidores públicos foi maior, perto de R\$ 60 bilhões.

3. Interação social do idoso

As transformações demográficas iniciadas no último século se traduzem por uma população cada vez mais envelhecida, situação consolidada. Toda a referência das mudanças ocorridas no universo do idoso foi consequência dos desenvolvimentos científicos e técnicos, das mudanças econômicas, das possibilidades da educação, do acréscimo da conscientização à higiene e à saúde pública. Esses fatores permitiram uma mudança na vida.

O estado do envelhecimento não deve ser visto como sinônimo de incompetência. Foucault (1979) aponta que em todas as instâncias a sociedade exerce poder através dos valores históricos e culturais determinantes de condutas e comportamentos, através de sistemas de submissão de um modelo hierarquizador. O poder controlador do comportamento fixa valores e habilidades prescritas em modelos sistêmicos e objetivos.

Assim, cada indivíduo internaliza essa doutrina disciplinar por todas as etapas da vida se policiando, com sentimento de culpa. E neste sentido, poderá revelar-se caso consiga escapar deste controle.

Chauí (1990) indica que esse conjunto de valores, permissões e imposições é histórico culturalmente e estabelecido para manter e controlar os homens e, caso sejam transgredidas, são acompanhadas de sentimento de dor e sofrimento. O caráter totalitário do aparato produtivo além de determinar os comportamentos, atitudes e as habilidades também determina as necessidades e aspirações dos indivíduos.

É fato que há várias depreciações físicas motoras ocasionadas pelo envelhecimento. Entretanto, há também várias possibilidades de envelhecer de forma mais saudável, por meio de estimulações, tanto no aspecto físico quanto no cognitivo. O idoso, compreendendo sua condição é capaz de transformar suas limitações em outras possibilidades.

É compreendido por meio de análise que os processos de aprendizagem como construção de conhecimento acontece na infância e terceira idade (idosos). Neste sentido, as instituições de ensino devem preocupar-se com uma didática e forma metodológica para atender a essa nova demanda.

Neste universo social tem-se a contribuição das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) que permeia e influencia todo segmento social, seja na esfera econômica quanto na social.

Contudo, os idosos estão à margem, constituindo um grande índice na esfera dos excluídos. Apresentam dificuldades para compreender e acompanhar as mudanças ocorridas pelas TIC. Assim sendo, deixam de ter oportunidade de conhecer outros universos de infinitas possibilidades, inclusive nos aspectos da comunicação, de lazer, de convívio e de felicidade.

Os idosos têm necessidades e vontades de se manterem ativos. Com os avanços das tecnologias, uma infinidade de atividades permite a ressignificação do tempo que chega com a idade. Neste sentido, estão sendo pensados espaços de ginástica, passeios, danças de salão, viagens, grupos de teatro, coros musicais, prática de desporto, voluntariado e diversas ofertas para ocupação do tempo livre, assim como o uso do computador, da Internet, do celular como forma de inclusão digital e da diminuição da solidão.

4. Contextualização teórica

Com as TIC, novas possibilidades surgem na sociedade, quase tudo está se tornando informatizado e a população idosa está inserida neste contexto e inclusive com dependências em relação aos meios eletrônicos e informatizados.

Esta nova dimensão coletiva, constitui uma esfera de ligados entre si que partilham, que colaboram e geram conhecimento, que permite o acesso a sua fonte de renda (caixas eletrônicos) e, além disso, estreita distâncias por meio do celular, do computador e da internet. Quanta coisa é possível a partir da exploração de tantas ferramentas existentes. Outra situação que permeia o universo tecnológico é a comunicação síncrona (MSN, Skype) e outros como as redes sociais.

Para melhor compreensão das diferenças e as dificuldades que exprimem por meio do choque de gerações, aos quais todos estamos envoltos, Fava (2014) nos esclarece que estamos num universo onde todos convivem entre si, cada um com suas características e peculiaridades onde estabelece as gerações: *belle époque* são os nascidos antes de 1945; geração *baby boomers*; dos que nasceram entre 1945 e 1960; geração **Y**, dos nascidos entre 1983 e 2000; por último, a geração **Z**, dos jovens nascidos depois de 2000.

Em cada especificidade das mencionadas gerações existe uma cultura própria com suas peculiaridades, modelos mentais de crenças de que é única e mais competente de que todas as anteriores.

Neste estudo, a referência é a geração *belle époque*, que é o nosso foco, testemunho vivo de quantas transformações, umas compreendidas e outras não compreendidas, mas, contudo todas reais. Neste universo, outras tantas gerações se sobrepõem em grau de evolução, em habilidades e apropriação tendo como base as inovações pelas tecnologias.

As necessidades de vida dos *belle époque* perpassam também pela necessidade de inserção e comunicação com a geração **Z**. São universos e contextos totalmente diferentes, mas, que ocupam o mesmo espaço estando nele a criança, o jovem e o idoso. As tecnologias, marcadamente, é o diferencial entre as gerações.

Muito mais do que uma tecnologia, a Internet torna-se, assim, uma rede de confluência comunicacional, o que permite o aparecimento de novas formas de sociabilidade (CASTELLS, 2004).

Então, pode-se considerar que quem não tem acesso à tecnologia, estará constituindo uma parte dos excluídos do universo social que hoje se mantém totalmente informatizado e tecnologizado. Neste sentido, imediatamente o grupo dos idosos surge entre os potencialmente infoexcluídos, uma vez que fizeram parte de uma geração onde saber ler e efetuar cálculos matemáticos era quase o suficiente para se sentirem informados (SILVA, 2008).

Para compreender o universo digital, conforme Nielsen Online (2013), fonte IBOPE, no Brasil, o acesso da internet no segundo trimestre chegou a 105,1 milhões representando um crescimento de 3% em relação ao trimestre anterior.

A utilização das TIC e da Internet causou alterações perceptíveis na sociedade, todo esse novo olhar, nos diz respeito a um modo de inscrição das relações de sentido num novo quadro conceptual, marcado por uma temporalidade tecnológica e informacional inédita, cujos desdobramentos estruturais não são apenas de ordem organizacional, mas a uma nova forma de relacionamento social, a sociedade em rede.

Compreende-se um crescimento das redes tanto no aspecto empresarial quanto social, para lazer, trabalho, criação e manutenção de relações, na vida social, com amigos próximos e distantes.

Segundo o autor Caslells (2005), estudos em diferentes sociedades mostram que, os usuários da internet possuem mais amigos e são social e politicamente mais ativos do que os não usuários. Como também, o uso da internet permite ao usuário, interações face a face.

O baixo poder aquisitivo ainda inibe o acesso aos recursos informacionais, contudo, existe espaços públicos de uso da internet como os telecentros, Centros de Convivências, escolas, CRAS, bibliotecas, etc, que poderão ser espaços de estimulação e de garantia de direitos no uso das TIC.

O baixo letramento é um dos motivos que dificulta o contato com as mídias digitais, ou seja, de acordo com Soares (2002, p. 151),

[...] o letramento digital constitui-se num novo desafio da agenda educacional do século XXI. Letramento digital, isto é, um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição - do letramento - dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel.

Percebendo que as possibilidades de se ter o acesso ao letramento estão na composição do próprio ambiente, e no caso, as TIC funcionam como componente importante nesse processo e as mudanças são visíveis em relação a autoestima em que o contato com as tecnologias pode oferecer.

Para Silva (2003), o letramento digital propõe novas exigências para a comunicação mediada por computadores. As modalidades deste universo comunicacional são síncronas (bate-papos) e assíncronas (fóruns, lista de discussão, correio eletrônico), que permite linguagens diferenciadas.

Compreender a dimensão maior que o contexto das TIC pode alcançar no universo do idoso, se apropriar dessa definição é possibilitar meios para compreender a dimensão maior que o contexto das TIC pode alcançar no universo do idoso.

A apropriação de conhecimentos referentes às TIC faz-se necessária na sociedade globalizada, visto que a inserção digital permite a cada sujeito potencializar o exercício de sua cidadania e, conseqüentemente, a inclusão. Duran (2008, p.07) afirma que:

Na denominada Sociedade da Informação, a inclusão digital é tratada como um compromisso urgente da agenda educacional. Alfabetismo digital é desenvolvimento, eis o argumento corrente. O discurso vigente está fundamentado no pressuposto segundo o qual haveria uma relação monolítica entre o acesso às tecnologias da informação e comunicação (TIC) e os processos de desenvolvimento em suas múltiplas dimensões, argumento que aponta para o ressurgimento do discurso redentor pela via tecnológica.

Haja vista a disponibilização de políticas de regulamentação e de programas estratégicos quanto às TIC é condição essencial para a inserção na chamada sociedade informacional.

Diversas iniciativas internacionais, nacionais e locais são conduzidas com a finalidade de promover, a partir das telecomunicações e das TIC, uma resposta aos problemas de desenvolvimento e de luta contra a pobreza, que conforme o Censo (2010), 9,1% da população de Goiás era de pessoas idosas, com mais de 60 anos. Detectou-se ainda que 11,9% desta população, quase setecentas mil pessoas, possuem baixo letramento, ou seja, são analfabetos funcionais e 14,31% da população goiana têm restrição sensorial.

Percebe-se que é necessário implementar ações que venham reduzir esses dados estatísticos, assim como reduzir a condição de exclusão evidenciada pela existência de desigualdades.

Como e por que deixar tantas pessoas sem acesso a este mundo - o ciberespaço - que é simultâneo à realidade concreta na qual convivemos, conforme Toschi (2013) seria abandoná-los, ampliando o fosso entre os 'inforricos e os infopobres'.

Sendo assim, tonar-se distante o exercício da cidadania que, conforme Gohn (1999), antes do século XVIII, esteve relacionada à noção de propriedade. Com o Iluminismo, a compreensão de cidadania se altera para a noção de direitos. Direito à liberdade, à igualdade perante a lei e direito à propriedade, compondo assim, a noção de cidadania, entendendo o povo como sujeito político.

Já o século XX traz novas mudanças, tem - se a cidadania como direito para a noção de dever e de poder. No final do mesmo século, um novo conceito, cidadania coletiva é conquistada, devido aos movimentos sociais mais recentemente, mobilizados pelas redes sociais, milhares de brasileiros saem às ruas reivindicando melhores serviços públicos e maior responsabilidade dos políticos.

Neste cenário, o idoso corresponde a milhares de brasileiros que estão excluídos desses movimentos, por questões de geração, de exclusão social, pela pobreza, analfabetismo, doença e baixa escolaridade.

Busca-se por meio de implementações de políticas públicas, de projetos de pesquisa no estado de Goiás, iniciativas voltadas para essa problemática. Pode-se pontuar um grupo de pesquisa que tem buscado transformar o universo do idoso, proporcionando formação e garantido um pouco mais de sociabilidade e autonomia para os idosos.

Deve-se considerar que o grupo de pesquisa coordenada pela professora Mirza Seabra Toschi tem oportunizado para muitos dos idosos novas experiências com formação, permitindo a inclusão digital. Este trabalho é realizado no espaço da UEG/ UNICEFECH na cidade de Anápolis - Goiás, onde acontece o estudo de intervenção com os idosos (G1 Educação, 2013). O trabalho busca compreender medidas de intervenções educacionais que venham dar maior visibilidade no aprendizado do sujeito idoso.

Conforme proposta pedagógica do grupo de pesquisa, esse trabalho se dá em forma de extensão e nestas, as atividades, em formato de oficinas, são desenvolvidas em três momentos: a fase do *aprender*, a fase do *navegar* e a fase do *cirandar* onde descreve-se:

Na primeira fase, do aprender, os estudantes acompanharão o processo mais básico de uso do equipamento, tais como ligar, desligar, conectar, ver vídeos, imagens, etc. Na segunda fase, do navegar, se fará uso de sites de busca, entrando em sites do interesse da pessoa que estiver sendo atendida. Após um bom desenvolvimento dessa fase, se passará ao terceiro momento da intervenção, que é a fase do cirandar, de fazer as buscas e as navegações, sozinhos. (TOSCHI, 2014, p. 05).

Estas são possibilidades e ações de um processo de colaboração de diversas áreas da educação em que envolvem os estudantes do curso de Sistemas de Informação, Mestrado do Interdisciplinar de Linguagens Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás.

A didática utilizada se pauta na concepção histórica social crítica que visa atender os sujeitos a partir de seu conhecimento e de sua história numa prática com alteridade, propondo e dando vez e voz aos cursistas. A perspectiva metodológica é da multiplicação, ou seja, “depois de executar a navegação ensine mais um”, este é o lema do grupo.

Compreende-se um movimento de formação social onde os envolvidos aprendentes se tornem também multiplicadores. Ainda não se tem uma literatura que caracterize uma pedagogia para a andragogia, há algumas referências atreladas a estudos da psicologia e a neurologia que defendem práticas cognitivas que sejam estimuladores, primando sempre pela ação da teoria em prática, onde busca-se envolver os sentidos.

Lima (2000) apresenta uma prática nominada *gerontologia educacional*, que consiste em uma recriação didática e pedagógica na perspectiva de ressignificar a vida do idoso.

Os mecanismos da gerontologia educacional requer uma pedagogia específica para garantir a reforma do pensamento: é necessário diferenciar o ensino, possibilitando que cada idoso aprendiz vivencie, tão frequentemente quanto possível, situações fecundas de aprendizagens, para conseguir que eles tenham acesso a essa cultura e dela se apropriem, colocando – os diante de situações ótimas de aprendizagem; para que os idosos desenvolvam pensamentos não só para sobreviverem, mas, sobretudo, para conquistar, com autonomia, melhor qualidade de vida (LIMA, 2000, p.143)

A dimensão política é apontada como um dos pilares para essa nova visão, o olhar para o idoso, onde Lima (1999, p. 51) aponta para uma nova construção “nos anos de 1970, se desenvolveram várias políticas setoriais de alcance nacional, expressa em instituições e planos como exemplo, a FUNARTE – Fundação Nacional de Artes – e o PCN – Plano Nacional de Cultura”.

É importante destacar ainda o Estatuto do Idoso, como um ganho para assegurar os direitos dos idosos e trazer a discussão para a sociedade de seu valor, enquanto sujeito social.

É comum conceber a imagem do idoso ligado a associações, compreendia-se que a palavra velho esteve ligada ao potencial do humano, ficou ligada à incapacidade para o trabalho e produção, o velho pobre, após a adoção de políticas sociais, agora associada à aposentadoria; uma pequena mudança pode ser percebida.

Recentemente, um novo olhar ao idoso, surge através das novas descobertas científicas sobre sua imagem. Lima (1999) compreende sobre isso que:

[...] a terceira idade é um código: de comportamento, de expressões corporais e, sobretudo de expressões de subjetividade, através da qual as experiências de envelhecimento podem ser partilhadas e negociadas, em um contexto marcado ao mesmo tempo de um discurso científico sobre a velhice, e por mudanças na forma de como os indivíduos, ao viver sua experiência de envelhecer, negociam com imagens estereotipadas da velhice (LIMA, 1999, p. 03).

Sendo assim, essa nova imagem atribuída ao idoso que se beneficia das novas descobertas científicas, entre elas citamos o cérebro, que até meados dos anos de 1990, acreditava-se que ele não desenvolvia novas células. Novas descobertas levaram a neurologistas descobrirem que o cérebro, mesmo em áreas danificadas pode produzir novas células cerebrais por toda a vida.

Lima (2000) afirma que as pesquisas mais recentes constataram que o cérebro ao ser estimulado, especialmente através de convívios sociais e trocas entre grupos sociais, acontece o que os cientistas chamam de “regeneração do cérebro”, com isso surge novos significados sobre velhice e tem ganhado consistência na sociedade atual.

O termo terceira idade indicado para pessoas idosas surgiu na França, em 1960, para expressar um novo paradigma de velhice, onde os aposentados poderiam viver ativamente, indicando o lazer, autonomia e autossatisfação como característica do sujeito que está vivendo essa construção. Concomitante, surge em meados de 1930 uma nova ciência, a gerontologia, que tem como objeto o processo de envelhecimento numa perspectiva interdisciplinar, numa abordagem multiprofissional.

A gerontologia ocupa lugar de destaque entre as várias disciplinas científicas, beneficiando-se e sendo beneficiada pelo intercâmbio de ideias e dados, num campo de natureza multi e interdisciplinar, ancorado pela biologia e pela medicina, pelas ciências sociais e pela psicologia. Ainda defende que existe uma cooperação de várias ciências a favor de um objeto comum: o processo de envelhecimento. (CACHIONI, 2002, p. 01).

Nesse contexto, a gerontologia se desenvolve e conforme esclarece Lima (2000), a gerontologia educacional, que compreende a educação destinada a idosos, atende a formação de recursos humanos para atuar com idosos; interfere na sociedade na busca de mudanças relativas à concepção de envelhecimento e do idoso.

Lima (2000, p. 140) afirma que:

É necessária para a terceira idade, uma educação que crie espaços para discussões, trabalhos em conjunto, alunos e profissionais, implicados na saúde, nutrição, aspecto psicológico, cognitivo, corporal, emocional para garantir o desenvolvimento do homem como um todo.

No intuito de melhorar as possibilidades de desenvolvimento dos sujeitos da terceira idade – o idoso – busca-se compreender as possibilidades do processo de sensibilização ao idoso para a compreensão da evolução tecnológica atrelada metodologicamente aos acervos da história e da arte, como possibilidade mais concreta e sensorial.

Assim, deve-se pensar numa didática que atenda as perspectivas de aprendizagem deste público específico, o que remete à história da Didática, onde por vezes a perspectiva didática se alterou através dos tempos.

A princípio a discussão maior inicia-se com Comenius (pai da Didática), sec. XVII onde o conceito de didática se definia como uma arte de ensinar tudo a todos. Posteriormente, surge a didática herbartiana que estabelecia passos formais para definir a metodologia aplicada em busca de uma aprendizagem efetiva. Atualmente, prevalece a crença nas tecnologias e mídias como formas mais eficazes para a construção de novos conhecimentos (PIMENTA; ANASTASIOU, 2010).

Outros autores trazem seu olhar sobre a didática. Para Candau (1986, *apud* PIMENTA; ANASTASIOU, 2010) os elementos estruturantes do método didático, os quais fundamentam a ação docente de ensinar: o conteúdo, a estrutura e a organização interna específicos de cada área; o elemento lógico, o elemento contextual, no qual se dá a prática pedagógica; o sujeito da aprendizagem e os fins da educação.

Já Libâneo (1990, *apud* PIMENTA; ANASTASIOU, 2010) enxerga na relação entre ensino e aprendizagem o elemento que possibilita a constituição da teoria didática e da orientação segura para a prática docente, destacando suas dimensões: a política, pois o ensino enquanto prática social favorece transformações; a científica porque deve revelar as leis gerais e as condições concretas em que se manifestam; e a técnica enquanto orientações da prática em situações concretas e específicas. Nessa relação entre o ensinar da docência e o aprender

do aluno, o autor aponta como ações docentes a explicitação de objetivos, a organização e seleção de conteúdos, a compreensão do nível cognitivo do aluno, a definição metodológica dos meios e fins, demonstrando que o ato de ensinar não se resume ao momento da aula.

Neste contexto, a interdisciplinaridade aparece como o caminho mais adequado para aproximar uma educação que atenda a terceira idade, uma vez que se trata de um processo de reorganização das estruturas pedagógicas, onde ocorre a interação entre as disciplinas, com a integração mútua dos conceitos e da epistemologia, tendo como objetivo a unidade do saber.

De acordo com Severino (1989), na interdisciplinaridade busca-se a substituição de uma ciência fragmentada por uma ciência unificada, com repercussões no ensino, na pesquisa e na extensão.

Sendo assim, a interdisciplinaridade deve ser a base da educação permanente dos idosos, haja vista que são pessoas que possuem uma história de vida pessoal e uma bagagem de conhecimentos acumulada ao longo dos anos que deve ser aproveitadas e potencializadas no processo de formação e aprendizagem. Ou seja, na formação do idoso a educação formal deve centrar-se na busca de novas metodologias e locais de aprendizagem diferentes dos da escola tradicional.

Segundo Aghe (2000) modificar objetivos, conteúdos e métodos de acordo com as necessidades dos idosos e da sociedade que envelhece deve ser a proposta da educação dirigida a idosos, inserida numa perspectiva de educação permanente. A interdisciplinaridade deve ser igualmente, o fio condutor da formação de recursos humanos no campo, entre eles os professores de universidades da terceira idade.

6. Considerações Finais

Mediante estudo realizado sobre o universo do idoso compreende-se que o processo de formação acontece de acordo com as necessidades políticas e sociais.

Na condição de um novo grupo social que se apresenta a partir do século XX, novos paradigmas emergem tanto no campo econômico, familiar, social e educacional para atender o idoso.

Estudos realizados no campo da medicina clínica, na gerontologia comprovam o potencial possível do sujeito idoso na continuidade para a formação, contradizendo o preconceito de que o sujeito idoso é improdutivo e incapaz de construir novas aprendizagens.

Apesar de poucos estudos da didática em relação ao idoso, compreende-se a existência de especificidades no atendimento pedagógico ao idoso que se difere da criança, do jovem e do adulto.

Tem-se o entendimento de que a didática deve ampliar seu olhar com vistas à historicidade e necessidades de aprendizagem deste público específico, primando por uma metodologia interdisciplinar que envolva prioritariamente todos os sentidos, como possibilidade de integração e interação em todos os segmentos sociais como também considerando a realidade contemporânea que universo tecnológico faz presente.

Referências bibliográficas:

ANTONIOLI, Leonardo. **Estatísticas, dados e projeções atuais sobre a Internet no Brasil**.08.11.2011. Disponível em <http://tobeguarany.com/internet_no_brasil.php> Capturado em 12.11.2011.

BENETTI, Idonésia Collodel. FAGUNDES, Mateus Miranda. ZANELLA, Michele. **Construção sócio-histórica do idoso cidadão**. Revista Caminhos, On-line, Dossiê Humanidades, Rio do Sul, a.2, n.1, p.213-228, jan/mar. 2011.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Síntese de indicadores sociais** – uma análise das condições de vida da população brasileira. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicisociais2010/SIS_2010.pdf>. Capturado em dezembro de 2013.

BRASIL, CGI.br. **Pesquisa TIC Domicílio 2010**. São Paulo, junho de 2011. Disponível em: <<http://cetic.br/usuarios/tic/2010/apresentacao-tic-domicilios-2010.pdf>>. Acesso em dezembro de 2013.

CASTELLS, Manuel (2005). **A sociedade em rede**, in RODRIGUES, Cleide Aparecida Carvalho; FARIA, Juliana Guimarães; CALAÇA, Gabriela Luccianne Morais Souza (orgs.), Educação, Comunicação, Mídias e Tecnologias. Goiânia: Cãnone Editorial, 2013.

CASTELLS, M. **A galáxia internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

DURAN, Débora. **Alfabetismo digital e desenvolvimento: das afirmações às interrogações**. 2008. 228 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Movimentos sociais e educação**. 3ª ed., São Paulo: Cortez, 1999. (Coleção Questões de nossa época).

GOIÁS, Fundação de Amparo à Pesquisa de Goiás. **REPPID** – Rede Goiana de Políticas Públicas e Inclusão Digital. Disponível em: http://www.fapeg.go.gov.br/gestor/print_indicador_rede.php?rede=483. Acesso em dezembro de 2014.

LIMA, Mariúza Pelosso. **Gerontologia educacional**: Uma pedagogia específica para idosos uma nova concepção de velhice. São Paulo: Terra, 2000.

LIMA, Mariúza Pelosso. Reformas Paradigmáticas na Velhice do Século XXI. IN: NERI, Anita., DEBERT, Guita. (orgs). **Velhice e Sociedade**. Campina - SP: Papirus, 1999. (Coleção Vivaidade).

PALMA, Lúcia Teresinha Saccomori. **Educação permanente e qualidade de vida**: indicativos de uma velhice bem-sucedida. Passo Fundo: UFP, 2000

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças. **Docência no Ensino Superior**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, E. T. (Coord). **A leitura nos oceanos da internet**. SãoPaulo: Cortez, 2003.

SILVA, Luana Rodrigues Freitas. **Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, jan.-mar. 2008.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita**: letramento na cibercultura. Educ. Soc., Campinas, v. 23, n. 81, dez. 2002. Disponível em . acessos em 02 abr. 2003. doi: 10.1590/S0101-73302002008100008.

SILVA, S. (2008) **Cursos de informática para a Terceira Idade**: por quê? *Revista Sinergia – CEFETSP*, 9 (1), 49-54, 2008 [Online]; disponível em: <http://www.scribd.com/doc/22670505/cursos-de-informatica-para-aterceira-idade>. Acessado em 12 de julho de 2014.

TOSCHI, Mirza Seabra. **Inclusão digital e social – conhecimento e cidadania**. Disponível em <http://periodicoscientificos.ufmt.br/index.php/educacaopublica/article/viewFile/1755/1323>. Acessado em 12 outubro de 2014.